

FH admite que carga tributária cresceu

'Não por acaso o setor privado reclama e pede uma reforma', afirma

• Em seu discurso no seminário de comemoração dos 50 anos do BNDES, o presidente Fernando Henrique afirmou que os setores privados que pedem a reforma tributária estão interessados em pagar menos imposto. O presidente admitiu que, para garantir os investimentos na área social e manter a estabilidade da moeda, o governo, nos últimos anos, aumentou muito a carga tributária. Os gastos no social, segundo ele, aumentaram em cerca de R\$ 70 bilhões.

— Houve aumento forte no gasto social, controlamos a moeda e geramos superávit. Como? Aumentando imposto e não por acaso o setor privado reclama e pede uma reforma tributária. Na verdade, pede para pagar menos imposto e por isso que nunca se fez a reforma: porque não se chega ao acordo — explicou o presidente para a platéia de economistas da qual fazia parte o Prêmio Nobel de Economia Joseph Stiglitz, com quem jantaria.

Ao falar dos investimentos na área social e da reforma do

Estado, o presidente elogiou a existência de movimentos sociais, entre eles, o MST. Para ele, a sociedade, desde os fins dos anos 70, com a redemocratização, desenvolveu uma grande capacidade de articulação, que não podia mais ser contida pelo "modelo estatal burocrático do passado":

— Houve maior porosidade do estado para poder dialogar com essas múltiplas formas de organizações não-governamentais. Inclusive os movimentos mais agressivos, como o MST, que vez por outra, além de invadir a fazenda do presidente, vem ao gabinete do presidente para conversar com ele. O que é uma coisa positiva, mesmo que saiam de lá falando mal, mas se cria um movimento de interlocução.

FH ressalta importância da privatização

Num discurso de mais de uma hora, o presidente destacou a importância da privatização, que garantiu investimentos que não podiam mais ser feitos pelo Estado e disse

que, desde a implantação do Real, o país recebeu US\$ 150 bilhões de investimentos diretos, ficando atrás apenas da China como principal destino de recursos no mundo.

O presidente falou sobre a mudança do papel do Estado que, de investidor direto passou a ser regulador, sobre a criação das agências reguladoras e comemorou o fim do clientelismo nas empresas de telefonia, "que antes eram botim dos partidos":

— Eram cento e tantos diretores. Imaginem a nomeação desse número de diretores dentro de um sistema clientelista e os resultados deformadores deste processo. Isso desapareceu. Esses setores foram expurgados dos maus efeitos da participação partidária clientelística.

Ele destacou ainda o crescimento da agricultura, que no primeiro semestre foi de 8%, .

— Quem deve ter medo da Alca são os outros. A Europa sabe disso e não abre. (Bernardo de la Peña) ■